

**OBRIGADO ,
DOM ANGELO !**

**“ Contigo encontrei a serenidade.
E ainda hoje a abraço com
O desejo de viver”**

Franco Predieri

**Este dom chega para você da Igreja do céu.
Não deixe-o esquecido numa gaveta ou numa
Estante empoeirada.
Depois de tê-lo lido doa-o a quem estiver
Precisando.
Este é o desejo daqueles que, do céu, guiaram
a redação e a realização.**



Mons. Angelo Fantoni
***Freggina 02/-05/1903**
+Verniana 28-08-1992

**Coragem filhinhos a morte não é morte
Mas uma passagem para uma vida melhor,
isto é,contemplação do Deus vivente .
D. A.**

PREFÁCIO

Numa sociedade cheia de tecnologia como a nossa, que nos acostumou a ter explicação para tudo o que nos rodeia, parece que não existe mesmo lugar para os milagres. Assim, quando nos deparamos com eventos cuja origem não conseguimos desvendar, mesmo com os conhecimentos que temos em mão, não somente ficamos impressionados, mas muitas vezes ridicularizamos ou até mesmo procuramos espantá-lo da nossa mente. Si sabe que o mundo é cheio de charlatões e de maníacos do sensacional, que tentam chamar a atenção dos desprovidos para conseguir alguma coisa do seu interesse pessoal, talvez vendendo grosseiras mistificações como se fossem verdades e inchando episódios que em si não teriam nada de excepcional. Na consideração de tais comportamentos reprovados, se desenvolveu em várias medidas uma certa desconfiança verso quem fala de parapsicologia e fenomenos paranormais ou, de acontecimentos que transcende a experiência humana. Eu mesma admito de ser muito cética nesse sentido e de olhar certos episódios com espírito ainda hiper-crítico. Todavia é impossível negar que ao nosso redor às vezes se pode verificar fatos inexplicáveis. Considero portanto inútil e pretencioso liquidar tudo com os banais “não acredito” ou “é tudo fantasia”, especialmente quando nos propõe eventos como este escrito nesse livro. Nesse caso, portanto, não devemos fazer nada a não ser ficar num respeitoso silêncio diante da história dos protagonistas. Mais do que um relato, portanto, este livro é um amigável *pate-papo*, através da qual Franco Predieri recorda as etapas da sua dramática história e do encontro com aquele que define o seu “salvador”, Don Angelo Fantoni. A forma é muito simples, quase coloquial, tanto que procedendo na leitura si tem a sensação de estar diante de um amigo que, com grande serenidade de ânimo, nos faz participar das suas mais profundas emoções. Si trata de um ato de amor e reconhecimento verso uma pessoa “especial”, que através dos seus dotes e com um ilimitado altruísmo ajudou a tantos sofredores. O autor nos fala inclusive da sua prodigiosa cura de uma grave doença, diagnosticada com uma fria clareza pelos médicos, os quais trinta anos atrás, sem meias palavras, tinham-lhe pré-avisado sobre o seu fim iminente. Predieri tem ainda em suas mãos toda a documentação sanitária na qual se pode ver que ele mesmo, naquele terrível período, considerava a própria inevitável condenação à morte. Mas, então se si pode escluir todas as possíveis explicações naturais da sua cura, non resta que falar de milagres por obra de um santo. Mas existe, e é possível, a “santidade” na vida de hoje? As qualidades espirituais são visíveis de longe como o monte do “Himalaya” como se pode ler no Dhammapada, o Evangelho Budista. Somente para não se arriscar de afundar entre as desarmantes super estruturas do nosso século, deveríamos nos esforçarmos de mudar a chave de leitura da realidade, prestando atenção, por exemplo, em certas coincidências significativas, que muitas vezes, somos tentados de negligenciar. Pensamos, portanto, que o homem é muito mais complexo do que parece e que o “dentro” e o “fora” não são assim tão avulso um do outro.

Maria Fontacci .

APRESENTAÇÃO

Decidi publicar este livro em homenagem e em sinal de gratidão para com quem acho que seja a pessoa mais importante da minha vida : Dom Angelo Fantoni.

Para mim, aqui na terra, ele foi um pai,um verdadeiro pai, e eu lhe devo o meu retorno á vida.

Neste livro si narra a minha milagrosa cura e si procura ilustrar a figura de um sacerdote e carismático extraordinário.

Aproximadamente trinta anos faz,um pouco mais que vinte anos,me adoeci gravemente e foi diagnosticado em mim um tumor no cérebro.

Para todos, eu já estava passado e cheguei até a receber a extrema unção.

Eu sofria muito,e esperava a morte con ansiedade,quase comose fosse a minha liberação,quando Deus quis me colocar nas mãos prodigiosas de Dom Angelo Fantoni,que me trouxeram lentamente de volta á vida,arrancando-me da mais negra desesperação e moldando-me em um novo homem,seja por fora como por “dentro”.

Vou procurar ilustrar algumas sensações che vivi na minha juventude e que de algum modo mi “prepararam” para o encontro com Dom Angelo.

Esta minha modesta obra não tem nenhuma pretensão literária e não desejo nem louvores e nem satisfações pessoais,que,com toda sinceridade,não acredito de merecer.

Porém é forte em mim,quase imperioso,a necessidade de recordar – o apresentar – a figura de um homem humilde e bom,um autêntico servo do Senhor que dedicou a sua vida totalmente ao próximo.

12

Descrever a personalidade de Dom Angelo ou somente falar não é coisa simples e pessoas muito mais preparadas do que eu, no passado, já o fizeram de um modo admirável.

Uma dessas pessoas foi Dom Redento Becci, ele também sacerdote que escreveu no ano de 1983 um livro com o título de “O fluido de um padre de montanha” no qual foram escritos alguns testemunhos de curas prodigiosas, e entre estes estava também o meu.

Eu gosto muito de citar uma frase que Dom Redento escreveu naquele livro e que me chamou muito a atenção:

“Uma nova Publicação sobre Dom Angelo seria inútil e vazia se não perseguisse este fim: de iluminar, de edificar, de transformar no bem todos os que o lerem”.

E é exatamente este objetivo que eu quero realizar. Com esta minha modesta obra, além de fazer conhecer Dom Angelo a quem não teve a oportunidade – o a sorte – de conhecê-lo, desejo levar aquele pouquinho de esperança no coração daqueles que se acham cercados pelo escuro como eu também fui durante um certo tempo.

Deus é semeador de todos os bens e como ajudou a mim a encontrar Dom Angelo pode ajudar a qualquer um a se refazer de uma doença seja física seja moral, e colocá-lo em uma boa estrada onde se pode fazer encontros que mudem radicalmente a vida.

Porém preciso dizer que, apesar deste sacerdote bom e caridoso tenha tanto me ajudado trazendo-me novamente à vida, o verdadeiro e único artífice da minha cura foi o Senhor.

Dom Angelo foi o meio extraordinário que Deus usou para realizar as suas obras maravilhosas, mas, como tais, devemos ser sim sermos-lhe reconhecidos por ele ter tido tanto sofrimento com uma vida gasta somente para fazer o bem, porém sem nunca perder de vista esta grande e absoluta certeza: é Deus quem faz os milagres.

13

Foi Dom Angelo mesmo quem me repetiu esta lição muitas vezes exatamente porque via a minha atitude de muita devoção em relação a ele. *“Eu não sou nada nem ninguém!”*, amava dizer com a sua santa humildade; e por respeito e reconhecimento da sua pessoa o confirmo para que seja clara para todos esta verdade fundamental.

Hoje, por graça divina, sinto ainda, dentro de mim, a sua voz potente e sigura que me aconselha, mi repreende, mi tranquiliza.

Que maravilhoso conforto para mim!

Sei que não posso demonstrá-lo e muitos não acreditarão em mim.

Compreendo muito bem tais incredulidades mas, como amo dizer, para cada um chega o momento no qual se pode modificar o próprio ponto de vista à luz de experiências novas e construtivas.

E, acreditem ou não, foi exatamente Dom Angelo que da sua maravilhosa dimensão onde agora se encontra e onde se resplandece a infinita luz de Deus, me sugeriu de escrever este livro e de dar como um don a todos aqueles que animados pelo vivo interesse por certos assuntos, desejam, através da minha experiência aprofundar esta delicada e tanto fascinante temática.

Eu recebi muito de Deus, através do seu servo Angelo, e tudo gratuitamente. Hoje, gratuitamente desejo também eu doar alguma coisa no nome deles. Posso citar, a propósito, riguardo a isto uma frase do Evangelho de Mateus:

“Gratuitamente recebestes, gratuitamente dás”.

14

Isto que faço é bem pouca coisa,mas se si pensa que estas páginas eu as escrevi servindo-me das minhas próprias mãos e olhos e isto eu devo a Dom Angelo.Inclusive,eu o encontrei a primeira vez,no dia 9 de dezembro,eu estava morrendo,quase cego e semi-paralizado porque juntamente com o câncer tinha se juntado a esclerose.Depois de quase trinta anos,apesar de ter a ajuda das muletas,posso caminhar e mi sinto feliz.

Eu tenho a firme convicção que Dom Angelo ainda está perto de todos aqueles que ele ajudou durante a sua vida terrena mas também está pronto para ajudar a todos aqueles que o pedirem e interceder por eles com Deus.

Graças a este homem extraordinario que me deu a honra da sua longa amizade hoje eu bendigo aqueles momentos terríveis no qual mi via perdido irremediavelmente e ao qual eu pude dar um sentido.

Eu vi a morte bem de perto e isto foi para mim uma sublime lição de vida .

Concluo repetindo á vocês tudo aquilo que Don Angelo sempre me ensinou:”*nunca desesperar mas sempre dizer seja feita a tua vontade*”.

O Autor.

O meu sincero agradecimento às senhoras Maria Fantacci,Aurora Puccetti, Elisabetta Piccini, Gabriele Marciacane, que com as suas desinteressadas colaborações e generosa amizade renderam possivel a publicação deste livro.

DOM ANGELO: BREVES SINAIS BIOGRÁFICOS

Dom Angelo Fantoni, quando ainda leigo se chamava Francesco, nasceu numa casa que fica numa pequena fração da cidade de Bibbiena, em Freggina, no dia 2 de maio de 1903.

Viveu a sua infância numa família numerosa: tinha 9 irmãos. O pai era empresário de construção, a mãe, apesar de descender de uma rica família, se ocupava pessoalmente da casa e dos filhos. Além dessas normais ocupações costumava para a família, era parteira e aquela que “cuidava dos doentes”.

Todos os doentes da cidade faziam todos os dias a procissão na minha casa. Queriam ver a minha mãe. Ela conhecia algumas receitas secretas capazes de curar os males mais terríveis. Oh, não eram receitas escritas. Sabe, tinham sido passadas adiante a voz de geração a geração no decorrer dos séculos, de pessoa a pessoa e tinham chegado até à minha mãe. A mãe com infusões, unguentos e pomadas aliviou as dores de tanta gente.

Todos os dias a mãe recitava o Santo rosário e juntamente com o marido criou os filhos e os educou, com profundo sentimento, nos valores cristãos.

Angelo foi um menino precoce, inteligente e muito curioso em relação às coisas que o rodeavam. Devido a sua grande inteligência se distinguiu das outras crianças desde que frequentava a escola primária.

17

A professora dele o lembrava como “o menino que frequentava a escola a cada 3 dias”, mas nas matérias tinha sempre boas notas; seu único defeito era a conduta do seu caráter vivaz e incontrolável. Caráter que ele manteve até enquanto foi adolescente, inclusive estava sempre no meio de outros meninos da cidade. Mas apesar de gostar de estar entre os amigos, nunca se esquecia dos seus deveres de bom cristão, aliás já com a idade de seis anos reunia os seus companheiros para explicar para eles o catecismo e fazer os sermões.

Terminada a escola primária, o pároco da cidade, frei do convento de Camaldoli, que ficava pertinho, o convenceu a entrar no colegio de Buonsollazzo. Entrou com dezessete anos, mas antes de terminar os estudos prestou serviço militar no 6º pesante campo de artilharia e, com o cargo de sub-tenente, e deu baixa em 1924; logo depois recomeçou os estudos matriculando-se no colégio de Fano Montegiove e recebeu as ordens sacras.

Em 26 de março de 1929 foi ordenado sub-diácono pelo Mons. G. Zanchini; o dia de dezembro do mesmo ano recebeu o diaconato do Mons. Mignone, Vescovo di Arezzo, o dia 18 de março de 1930 recebeu o sacerdócio.

O jovem se retirou do mundo, escolheu a vida contemplativa retirando-se no eremo de Camaldoli. Aqui foi professor dos irmãos leigos definidor do capítulo Geral e desde 1938 se ocupou também dos emigrados.

A forte crise econômica que atravessou naquele ano a sua família foi a causa determinante pela qual decidiu deixar o eremo e passar para o clero secular e foi mandado para uma paróquia fronteiriça italo-francesa, onde desenvolveu atividades de assistência e moral além de uma propaganda a favor da Itália. Eram os anos 1938-39 e a coisa não agradou às autoridades francesas, portanto foi obrigado a voltar para o seu país de origem.

18 Voltando a pisar sobre o solo italiano foi mandado como capelão para Vecchiano de Pisa, depois como ecônomo espiritual de Santa Maria Assunta em Cardoso de Stazzema, na província de Lucca.

Aqui quando chegou, foi acolhido com desconfiança pela população, mas logo, pelo seu jeito de fazer e de pensar, conquistou a confiança até mesmo dos paroquianos mais ariscos e hostis em relação à Igreja e ao seu clero.

Toda noite estava rodeado pela juventude local e, entre um copo de vinho e outro e uma risada e outra, ensinava para eles o catecismo.

Além, porém, da recuperação moral dos seus paroquianos se apresentava também o problema da recuperação da construção da canônica e da Igreja. Inclusive a canônica, dita cúria dos párocos precedentes, estava em péssimas condições e não poderia ser a sua casa, o seu refúgio. Dom Angelo não se desesperou e se pôs a trabalhar para restaurá-la. Terminados os trabalhos, passou a restaurar a sala da venerável Companhia do Santíssimo Sacramento. Tudo por sua própria conta que consistiu em 7.350 liras, cifra considerável naqueles tempos!

Depois, construiu o cemitério novo e fez o traslado dos cadáveres velhos. Também a Igreja paroquial esigia algumas restaurações. Assim conseguiu constituir um comitê executivo e o projeto de trabalho foi conduzido por um engenheiro de Stazzema, engenheiro Gianni Osman. Foram feitos trabalhos radicais, a Igreja, despojada do seu barroquismo, recebeu o afresco do pintor Pierini e a grande despesa sustentada foram pagas em parte pelo estado, outra parte por dom Angelo mesmo e o restante pela população.

19

A igreja foi inaugurada no dia 1º de outubro, festa de Nossa Senhora do Rosário.

Si dedicou, também, à catechese, aos sermões, solenizou as festas religiosas e por causa do bom êxito conseguiu envolver toda a população, criando momentos de completa socialização com os ensinamentos da fé.

Quando a Itália foi envolvida na segunda guerra mundial e de modo particular depois do 8 de setembro de 1943, atravessou momentos tristes e comprometedor.

Os partidários, entre os quais, alguns seus paroquianos, constituíram a Stazzema uma comissão de liberação local, próprio na canônica de Dom Angelo.

O nosso pároco foi um prodígio nas ajudas materiais e morais, mesmo arriscando a própria vida. Procurava mantimentos e remédios, levava o conforto religioso nas casas espalhadas também pelo campo e até mesmo nas grutas, onde a população tinha se refugiado.

Para evitar as devastações como as matanças acontecidas na cidadezinha vizinha de S. Anna de Stazzema, colaborou com os alemães conquistando a confiança deles, procurando até a carne de gado para servir-lhes de alimentação.

Continuou com este duplo jogo, com o pensamento sempre dirigido ao incólume dos seus paroquianos, até que chegasse as tropas americanas que os libertou.

Assim narrou para nós ele mesmo:

Fui preso por quatro alemães e amarrado num castanheiro por vingança e escárnio. Como o amarrado não estava muito complicado consegui escapar e fui correndo para a sala do sinodo. Nesse tempo vieram os partidários que disparando loucamente com as metralhadoras, prenderam os quatro alemães. Porém foram pouco vigiados, então assim conseguiram voltar entre os seus camaradas.

20

Depois de três dias a minha cidade foi invadida por metralhadoras e carros armados. Fazendo buscas em todas as casas, capturaram 18 mulheres, um sacerdote da Congregação dos Servos de Maria e um velho de 86 anos, ao qual chamavam-no de o avô, com 24 filhos. Quando percebi o perigo, disse para minha mãe que eu tinha que sair lá fora. Ela se opôs à minha decisão e chorando me disse que eu não deveria sair. Mas eu tendo a responsabilidade pelos paroquianos fui conversar com os três capitães, os quais a pesar da minha generosidade em me oferecer para libertar os outros da matança, mi responderam dizendo: nada a fazer porque o senhor tem o salvoconduto do general e portanto é o nosso camarada!. Depois de animadas discussões, conseguí fazer com que eles libertassem o velho com as 18 mulheres; não conseguí salvar o sacerdote porque o tinham visto com os partidários. Porém com a condição que encontrasse 15 homens dispostos e prontos a trabalhar abaixo da Tot. Então, das 23 até a 1 hora da noite, devem ir de casa em casa para convencer os homens a irem trabalharem com os alemães.

Passada a guerra, em outubro de 1948, fui transferido para Verniana, pequena paróquia na província de Arezzo.

O seu amor para com o próximo não se manifestou somente em levar a palavra de Deus e de amor nos corações mais áridos, mas também através dos fatos, aliviando as dores e os desprazeres das pessoas doentes.

21 Em 1938 se percebeu que na presença de doentes no seu corpo subia estranhos fenômenos. Associando as várias sensações provadas pela dor da pessoa que lhe estava defronte, ele percebeu que podia diagnosticar com certeza a doença pela qual o outro tinha sido afetado.

Até mesmo com as “biorradiações” que emitia conseguia perceber o tecido e os órgãos doentes e a influir benignamente sobre eles.

Em uma entrevista relachada em Sandro Majer, na qual o jornalista lhe perguntava, visto a competência em diagnosticar e em curar, se ele tinha estudado medicina, Dom Angelo respondeu assim:

Desde criança estando perto da mãe, sempre provei muito interesse pela medicina. Com o tempo a minha paixão se transformou numa verdadeira e própria mania. Passava os dias a ler os tratados de anatomia, patologia, farmacologia, cirurgia. Frequentava os hospitais, observava os sucessos e as derrotas da medicina oficial. Depois em 1938 improvisamente percebi de possuir um estranho fluído. Isto é, cada vez que eu me aproximava de um doente, no meu corpo subia estranhos fenômenos: eu sentia uns arrepios e o sangue me subia na cabeça. As sensações não eram sempre as mesmas. Para cada tipo de doença eu tinha uma sensação diferente. Assim, depois de uns dois anos com o meu fluído eu podia reconhecer todas as doenças. Até mesmo aquelas que os médicos não

conseguiam descobrir,o meu fluído conseguia.Depois eu dizia ao paciente,esta é a tua doença,deve tomar este remédio,diga ao teu médico para te receitar.

22

A voz destas suas capacidades se espalhou rapidamente e a ele se dirigiram milhares de pessoas doentes,pessoas comuns que tinham perdido todo tipo de esperança e até mesmo pessoas famosas:

Na minha carreira – afirmava numa entrevista para o *hoje ilustrado* no dia 2 de Abril de 1969 – eu já curei nove milhões de pessoas,entre as quais Mussolini, Gino Bartali e muitos honrados.Recebo centenas de cartas por dia e, no meu escritório ,chegam milhões de pacientes todo mês.

As milhares de cartas que Dom Angelo recebia como sinal de agradecimento pelas vidas salvas fechava tudo com uma mesma frase:”*Obrigada,Dom Angelo, por ter me curado*”.

Mas a sua atividade de”curandeiro” não era bem vista pela medicina oficial,portanto a Ordem dos Médicos de Arezzo o denunciou por exercício abusivo da arte médica. Os da inquisição configuraram também o delito de fraude continuada e ilícitos aproveitamentos.

A denúncia foi para frente e um dia o juiz instrutor e um chanceler se dirigiram á Verniana para efetuar o interrogatório. Si eran recém apresentados e Dom Angelo lhes perscrutou e diagnosticou a cada un deles a doença pela qual tinham sido afetados. Os dois diagnósticos se mostraram verdadeiros,tanto que o Juíz instrutor se transformou no seu paciente e o acolheu na sua instrutoria.

23

Mas a Ordem dos Médicos não se renderam e a sentença foi imposta pelo Procurador da República.

Dom Angelo si defendeu explicando que nunca tinha feito verdadeiros e exatos, diagnósticos,mas tinha somente percebido sensações diferentes segundo a doença pela qual a pessoa tinha sido afetada e além do mais nunca tinha pretendido compensações em dinheiro.

O acidente judicial provocou uma reação também da parte da Igreja e o bispo de Arezzo o proibiu de receber os doentes.

Houve uma reação popular e o bispo foi obrigado a retirar tudo o que tinha dito,fazendo somente a recomendação de não receitar remédios.

O rumor da sua fama e dos seus problemas crescia cada vez mais,tanto que precisou intervir também a Santa Congregação do Conselho proibindo-o de continuar a sua atividade, e até mesmo ameaçou un transferência.

No mesmo período,depois de dois anos de instrutoria,si celebrou o processo e o pretor da cidade de Arezzo condenou Dom Angelo a un ano e meio de reclusão e uma multa de 300.000 liras por “fraude e exercício abusivo da profissão”.

Contra tal sentença foi apresentada recursos em apelo pelo Ministério Público e pelos advogados de defesa.

Em apelo Dom Angelo foi absolvido por insuficiência de provas e assim pôde voltar á sua paróquia e continuar a aliviar as dores de tantas pessoas desesperadas.

Foi un fervente devoto de Nossa Senhora,inclusive a mãe afirmava que ele tinha

24

nascido por intercessão de Nossa Senhora da pedra de Bibbiena do momento que no nascimento pesava sete kilogramas e o parto se desenvolveu somente dentro de três minutos. Além disso, foi o único, dos seus numerosos filhos, que pôde criar no seu seio.

E o nosso Dom Angelo tinha consagrado á Virgem Maria a sua vida, a integridade do sacerdócio e o exercício do ministério paroquial, além de ter promovido o culto entre os seus paroquianos. O testemunho dessa sua devoção acolheu em Verniana, com solenes festas, a imagem de “Nossa Senhora da Boa Viagem”, obra da pintora Luisa Miliavada, il 4 giugno em 1978.

Durante a cerimônia Dom Angelo tomou a palavra e exortou os fiéis a crescerem na devoção a ela, na certeza que todas as graças espirituais e temporais nos vem do Senhor por meio da sua intercessão.

Dom Angelo também não ficou imune das graças de maria Santíssima no momento que reconquistou a vista, mas esta experiência pessoal é melhor aprende-la através das suas próprias palavras:

Sempre tive uma vista muito limitada, mas já estava quase na escuridão completa. Eu era visitado por eminentes professores oculistas, entre os quais franceses e suíços e todos eram unânimes em diagnosticar que a minha cegueira dependia da diabete. Durante a peregrinação de Nossa Senhora sonhei que a minha mãe me disse: “O que você está esperando para ir a Roma na clinica Quisisana para uma visita cuidadosa?”. Parti, sem demora, para Roma.



26

Mi visitou um conhecidissimo oculista que, pra minha admiração,decidiu mi operar.Eu,no dia 9 de novembro,como que empurrado por un chamado de improviso ,voltei pa ra a supracitada clinica onde mi fizeram logo o esame de sangue – e coisa insolita no dia seguinte fui operado.Mi deram ás oito horas a anestesia,cujo efeito deveria durar até ás 20,e ao invés já ás 14:30 me despertei e através de un vãozinho aberto(não sei porque)na benda,eu via já a luz.Este dia será por mim lembrado como o grande dia da graça de Nossa Senhora. Ás 19:30 veio o professor a fazer a medicação e me encontrou curado sen rasto de operação.Porém por precaução, mi coloquei a tartaruga deixando, de propósito ou por distração ,un pequeno furo,através do qual vi tanta luz jamais vista antes.Na manhã seguinte fui medicado e declarado curado e pude na mesma noite voltar para a paróquia cheio de alegria e agradeci com todo o coração á Nossa Senhora a qual atribuo este milagre.

No dia 26 de novembro de 1977 foi nominado pelo S. Padre “Prelato Doméstico de Sua Santidade”,mas o conferimento oficial foi dado no dia 4 de Junho de 1978 na ocasião da solene coroação de Nossa Senhora da Boa Viagem.

Morreu no dia 28 de agosto de 1992 com a idade de 89 anos; 89 anos de vida despesa,sofrida e gasta,pelos outros.Antes de morrer rezou uma oração á aquela que ele havia sempre adorado e na qual havia sempre ardentemente acreditado:

27

OH SUAVE E CELESTE RAINHA
SOB O VOSSO SANTO PATROCINIO ENTREGO
A ALMA MINHA:
OH BEATA DOCE SANTÍSSIMA VIRGEM IMACULADA MARIA,
MÃE DE DEUS E MÃE MINHA,
FAZEI COM QUE EU ESTEJA SEMPRE CONTIGO E COM O
VOSSO DIVINO FILHO,
JESUS E DEUS MEU,NO TEMPO E NA ETERNIDADE
ASSIM ESPERO E ASSIM SEJA

Aurora Puccetti

A MINHA HISTÓRIA

29

Sou muito reservado,mas mi sinto imperiosamente levado a escrever com o meu “italiano muito restrito” sobre a minha vida e sobre aquele dia em que tive o don de poder encontrar un carismático,que com os seus dotes fez o bem a a milhões de pessoas.Gratuitamente e em silêncio.

Mi ajudo relendo os meus escritos publicados no *livro o fluído de um padre de montanha* de Don Redento Becci, Ediz.

Falini do ano 1983.É un livro que nasceu muitos anos atrás,sobre os conselhos de un querido amigo de Dom Angelo,Padre Pio de Pietrelcina.Dom Angelo era esquivo,não amante da publicidade,mas era convincto que alguém teria escrito sobre ele e encarregou ao Dom redento Becci,seu colaborador e amigo.

O volume trazia várias testemunhas de curas extraordinárias,entre as quais a minha.

Foi o próprio Dom Angelo que me pediu e eu não pude recusar.A pesar da minha natureza ser mais inclinada a ser reservada,com aquele gesto me senti como se estivesse expressando meu “muito obrigado” sincero e duradouro para com o homem que mi restituiu a vontade de viver.

Foi para mim então,como colocar um selo na minha sincera amizade e gratidão para com Dom Angelo.Alguma coisa que ficasse “para sempre”.

É verdade mesmo que as lembranças não desaparecem,a prova é que ainda hoje á distância de trinta anos aproximadamente,lembro muito bem as palavras de Dom Angelo que me disse:

“Rapazinho,quer me fazer un favor?”

“Que pergunta boba,Angelone,a mãe que deseja do filho um pedaço de pão deve pedir-lhe,por favor?Diga-me”.

30

“Escrevi algumas páginas sobre a tua vida e como essa se transformou a partir do momento que me encontrou.Vou mandar os meus meninos imprimir aquele teu escrito”.

“Será que eu sou capaz de escrever un artigo?Se eu escrevesse gostaria de colocar também o nome de tantos médicos.Mi garante que eu não vou ter nenhuma consequência?”.

“Fique tranquilo,vai proceder tudo bem,aquele artigo vai andar pelo mundo intero”.

Mas será verdade,pensei no meu coração,talvez esteja exagerando,mas não posso dizer não,nem agora e nem nunca para a vida.

Era o ano de 1976 e então comecei a escrever o que segue:

“Durante uma partida de futebol improvisamente caí no chão,sem nenhum motivo.E não era a primeira vez que me acontecia aquilo e achei esse fato muito estranho também por causa daquela dor lancinante no olho esquerdo que mi tirava a visão quase

totalmente. Decidi ir ao Pronto Socorro do Hospital Maior da Cidade de Bologna. A vista estava perfeita (10/10) a direita, a esquerda tinha descido a 2/10; fui internado. Seguiram dias em que fui submetido a exames e visitas. Depois numa noite me disseram:

31

“Amanhã serás transferido para o hospital Bellaria para outros exames”.

Pensando naquilo me acovardei. Até aquele dia eu estava semelhante a uma rocha impenetrável a qualquer doença e fiquei confuso e despreparado para enfrentar aquela nova internação.

No hospital Bellaria fiquei hospedado num corredor e foi um susseguir-se de dolorosos exames, injeções lombares e pneumo-encéfalo. Mi torturaram até que eu estivesse completamente diagnosticado: Tumor no cérebro, ou a operação ou no máximo poucas semanas de vida. Meu pai estava convalescente fora da cidade de Bologna por causa de um infarto e eu preferi esconder dele a minha internação, mas naquele ponto a presença dele era indispensável. Eu já via o término da minha vida e sentia tanto também por aquela que eu considerava já a minha mulher.

Que pena, pensei, tínhamos já conseguido o consenso da prefeitura, o apartamento eu o tinha arrumado como sempre sonhei, o trabalho (empregado – caixeiro viajante) não somente gostava, mas mi dava prazer e poderíamos ser a encarnação da felicidade...

Quando meu pai se aproximou da cama lhe confessei a triste verdade do diagnóstico e lhe expressei o meu desejo de não querer ser operado. Mi olhou com os olhos cruzados e foi falar com o professor Gaist que com palavras mais conformes e adequadas repetiu as minhas: “tumor no cérebro, sem operação terá no máximo dois meses de vida”.

Diante da minha decisão de não querer operar, o meu médico que acompanhava o meu caso, doutor Stifano, foi obrigado a desistir e foram assinadas as demissões voluntárias. Recebi a Extrema Unção e saí daquele hospital muito envelhecido e acompanhado por uma idéia sempre presente: “para mim acabou”.

Não tinha a vontade nem o desejo de formular projetos, porque o futuro eu o via pré-concluído. Uma noite num restaurante tive uma desagradável novidade: cambaleava e caía.

32

Mas o quê está acontecendo comigo? Será que o atleta morreu? Fui internado mais uma vez no hospital neurológico da cidade de Bologna e o diretor do mesmo, professor Ambrosetto, além do tumor diagnosticou: “esclerose a placas – esclerose múltipla, nevrassite disseminada”.

O tempo passava e as recaídas eram sempre mais insistentes do que o sonríptico da quela chata gota d’água que cai irreverente.

Ma a contínua dor lancinante na cabeça e a prospectiva de um fim prematuro não mi tinham ainda completamente destruído.No impulso eu tentava ainda de sobreviver nos melhores dos modos.Mas algo veio a dar mi o golpe de piedade e a atirar-me na mais terrível desesperação.De fato,depois de nove anos de invejável”convivência” tudo já estava pronto e no domingo 25 de abril de 1971,apesar da minha doença,deveria pronunciar aquele tão esperado”sim”,mas na segunda feira anterior, ao 19 abril de 1971,fui internado de novo no hospital neurológico.Isto mudou os planos do casamento programado e no domingo,exatamente no dia em que deveríamos nos casar,”ela” veio me visitar no hospital,se aproximou da minha cama e me disse adeus.Ainda hoje eu me pergunto o quê me fez sofrer mais, se em Bellaria diante da Extrema Unção o em procurar de dar uma lógica aquelas palavras umidecidas de lágrimas,que me pareciam falsas e de “circunstância”.O meu sistema nervoso foi duramente tocado.O próprio medico ficou mudo em ter que me ajudar em caso de uma inevitável crisi nervosa embebida de lágrimas,frios

33

gélido,suor.O mesmo médico de plantão ficou irriquieto de ver como ela mi tinha liquidado.”Non cosí – disse e non adesso!Avrebbe potuto aspettare un altro momento!” Aquele médico tinha razão.O abandono dela me prostou completamente,tirando-me, o último fio de esperança e qualquer desejo de lutar que até aquele dia tinham ficado.

Quando saí do hospital, apesar da precariedade das minhas condições físicas,voltei a trabalhar com força,talvez exagerada;mais trabalhava menos tempo eu tinha para pensar.Trabalhava em excesso,gratificando a mim mesmo e procurando de esquecer,mas as condições físicas e a minha casa vazia mi levavam diante da realidade mais crua:

NEVRITE + CÂNCER + ESCLEROSE = O FIM. Pela primeira vez na minha vida mi senti sozinho e abandonado por todos,até mesmo por Deus!”Mas o que foi que eu fiz para merecer esta vida que eu já odeio?È tua pode pega-la de volta!”dizia eu, e cheguei a blasfemar.Mi parece que era o Manzoni que dizia que Deus manda o mal não para punir ,mas para redimir,e é giusto.Eu estava cada vez mais sozinho e não conseguia naquele estado de coisas,a ter a capacidade de fazer algo para ter uma grande sorte.Aquela sorte que eu teria compreendido em seguida.Eu vegetava misturando as blasfêmias com as lágrimas,o mundo tinha caído em cima de mim e eu não fazia nada para merecer a vida.Trabalhava,guiando o carro ainda que cego,até mesmo com a neblina mais proibida.Era uma forma de suicídio.Não tinha mais o tato,o gosto,a força,equilíbrio,olfato.Deus não quis somente me perdoar por causa daquela danada imprudência,pela qual ainda hoje peço perdão,mas nos últimos meses de 1971 quis pôr a palavra fim no meu drama.

34

Eu estava internado na seção neurológica do hospital policlínico de Modena, quando a minha tia Norma Torri veio me encontrar e aconselhou:

“Vista a mesma camiseta durante um par de dias, e durante o mesmo período tenha uma tua foto em contato com a pele. Vou levar o teu problema a um padre, que não somente fará um preciso diagnóstico da tua doença, mas poderá até se servir de um particular fluído dele que já teve tantos efeitos milagrosos”. Aceitei. No fundo, o quê tinha eu a perder? Minha tia foi ao encontro daquele padre e, na volta relatou: “Disse Dom Angelo que a tua doença é uma mielite e vais te curar. Te aconselha de ficar mais calmo e deseja te ver”. Perguntei “Quanto dinheiro precisou?”. “nada” me responde a tia. Considerei tudo muito estranho: o diagnóstico, a ausência da compensação, todas as histórias que a minha tia contou sobre a operação daquele padre. Amo a parapsicologia e era já ciente da existência de pessoas videntes, carismáticas, e de fenômenos paranormais. Aquele padre despertava o meu interesse e disse a mim mesmo: “Antes de morrer quero tentar a experiência de conhecer un’essere atípico ou conversare con un patife desses olhando-o fixo nos olhos”. Deus perdoou aquele idiota o blasfemava e no dia 9 de dezembro de 1971, dia do meu aniversário, encontrei Dom Angelo. Quando vi o pátio da sua Igreja espremido de carros provenientes da Itália inteira e até de ônibus provenientes do exterior, fiquei espantado.

35

Entrei numa casa onde imperava o frio e, depois de ter esperado atrás de uma longa fila de gente, cheguei diante da porta do estudio no qual Dom Angelo recebia. Uma pessoa se deu conta da minha dificuldade de ficar em pé e me ofereceu o seu lugar para sentar. Não sei o quê me aconteceu e nem o quê pude advertir, mas me lembro que, pela primeira vez depois de tanto tempo, falei com Deus: “Faz com que possa me receber, ti suplico”. Chegou a minha vez então eu entrei. Todas as suas visitas tinham a duração de poucos minutos. Eu tive, ao contrário, a sorte de ficar com ele por mais de uma hora. Sem precisar que eu abrisse a boca, exclamou: “Bom dia, sente-se aqui pertinho de mim, faz tanto tempo que eu te esperava!”. Olhava para ele com um misto de curiosidade e uma desconfiança suspeita. Tinha a voz muito fraca e a imagem de uma pessoa cansada e doente. Eu deixei ele falar para poder fazer o resumo da minha conclusão. Continuou: “O senhor sofreu muito, mas vai ficar bom”. Olhei para ele como um menino pode olhar para um homem grande que tem tantos caramelos no bolso, e perguntei: “Mas como pode dizer, padre?”.

“O senhor deve só se acalmar e voltará a correr, mas repito, é indispensável ser mais calma. Mi explique porque, a tarde antes de dormir, o senhor toma bebida alcóolica e porque toma tanto tranquilizante”. Mi parecia de olhar no espelho. E diante de um espelho

não se pode fazer outra coisa que aceitar-se a si próprio. Disse ainda: "Muitos ti fizeram mal, mas lembre-se que Deus perdoou e nós devemos imitá-lo.

36

Para ficar mais calmo, o senhor tem que deixar de se importar com tudo e com todos. O tempo vai passar e o senhor vai encontrar uma mulher que seja realmente "mulher", como você deseja. Terá uma família com diversos filhos, todos com boa saúde. Vai trabalhar no banco. Dê tempo ao tempo. Falemos agora do tumor. Acabado, desanimado e amedrontado, quase em transe perguntei: "mas aonde se encontra esse tumor?" Mi tocou na parte posterior esquerda da cabeça e disse: "Sim, sim, ali tem um tumor, mas não se preocupe porque ele não está na sua cabeça, mas naquela de quem disse semelhante coisa. O senhor vai sarar, fique tranquilo". Só depois me confessou de ter me mentido para não me acovardar antes do tempo. O tumor existia, mas ele sabia com certeza que eu iria me curar.

Quando nos encontramos pela primeira vez soube ler coisas sobre mim do meu passado e do presente que ninguém lhe tinha dito e tudo com uma facilidade extrema. Não era nem um ladrão e nem um patife, mas só um santo vestido de onesta pobreza. Seguí o meu impulso e o abracei, o apertei forte e o beijei e voltei a beijá-lo. Lhe perguntei: "Como considera estas tuas capacidades anormais?". Ele rebateu com uma outra pergunta: "O senhor também é dotado de um sexto sentido. É aí?". Abrindo os braços, no seu silêncio, queria me fazer entender o quanto é insensato em certos casos perguntar-se o porquê. Nos abraçamos, voltamos a rezar, depois me aconselhou: "Toda semana me escreva uma linha, por cortesia".

37

Desde então, se não lhe escrevi sempre foi porque nos falávamos por telefone. Muitas vezes falava dele a Deus e ele, da parte sua não só fazia a mesma coisa por mim, mas além disso me fazia beneficiar do seu milagroso fluído. Em um ano eu o vi pelo menos cinco vezes, e cada vez se manifestava aquela explosão do amor do qual nos primeiros tempos ele mesmo se maravilhava. Como um verdadeiro mal-educado eu o chamava pelo nome porque a sua figura teve logo em mim um desdobramento de personalidade: Dom Angelo e Angelo. O primeiro era uma digna e santa pessoa que Deus quis presentear aos homens, o segundo para mim era o vovô, o pai, o amigo com A maiúscula. Sabia quanto eu o amava sem interesse e ele correspondia ao meu sentimento. No passado eu sofri e hoje Deus, através de Dom Angelo, mi fez entender o quanto doce é a vida, dando-me a possibilidade de me alegrar somente olhando uma flor, uma pedra, em tomar banho, em escrever uma carta. Desde quando Deus me presenteou com o afeto de Dom Angelo, vivo uma segunda vida e olho o meu passado com tanta auto-piedade. Depois de

aproximadamente um ano do nosso primeiro encontro com Dom Angelo mi disse:”Em um só ano fizemos passos de gigante e muito em breve ficará curado como eu tinha te prometido”.As minhas condições atuais são mais que satisfatórias e daquilo que eu mais me alegro é do fato que cada dia que passa morre em mim mesmo alguma coisa do menino para deixar espaço ao homem.

38-Vivo naquela mesma casa,que um dia quase quis queimar e á noite a minha cama não está mais vazia,porque me adormeço em compahia da paz.

Hoje trabalho no banco sem muito cansaço,porque tenho cosciência do milagre de poder estar em grau de trabalhar.Tem quem mi vendeu com dois meses de vida,quem cego e paralizado,Dom Angelo mi conquistou com tais credenciais e fez daquele pseudo-destroços uma pessoa que ao mundo proclama:”Nunca desesperar,mas sempre se diga,seja feita a tua vontade”.

Assino e dou fé por tudo quanto foi escrito acima”.

Assim terminava o meu testemunho naquele tempo.Ma, daquele dia em diante muitas coisas mudaram para melhor,sempre graças a esse extraordinário carismático.

Decidi publicar este livro em comemoração,não somente para confirmar o meu obrigado ao Dom Angelo Fantoni,meu benfeitor e amigo ao qual devo a volta á serenidade e á vontade de viver,mas também porque exatamente da parte dele me foi feito um explícito convite que eu aceitei com imenso prazer.

Me podem perguntar como é que isso pôde acontecer ,sendo que o caro Dom Angelo não estava mais entre nós,tendo falecido em 1992.

Antes de tudo,pra mim, ele ainda está vivo; como e mais do que antes.Não somente porque acredito na sobrevivência do espírito depois da morte,mas também porque através de vias desconhecidas que eu não saberia definir e que deixo como pesquisa aos espertos na matéria,ele se comunica ainda hoje comigo,sugerindo-me respostas,dando-me conselhos,reprenendo-me.

39

E quem disse que a morte é o fim de tudo?com Dom Angelo me parece que seja até mesmo o contrário sentindo-o mais perto agora do que quando ele estava entre nós.

Penso que a causa de não se querer acreditar em tudo isso, tem ali o temor de se descobrir uma verdade que si prefere recusar.

Aquela verdade que si chama além do outro lado.

Além da soleira fatídica que todos atravessaremos inevitavelmente depois de ter dado o último respiro,tem um lugar, se é que se pode falar de lugar-misterioso e fascinante que acolhe a todos e onde não existe mais nem injustiça e nem dor.Um lugar, onde a palavra “morte” não tem mais o significado que nós lhe atribuímos e toda ânsia vai ser dissolvida pela imensa luz do Senhor.

Percebo perfeitamente que muitos não pensam como eu e acreditam num fim total,definitivo,com a perda do corpo físico.

Eu, por sorte, hoje acredito que a morte seja somente uma passagem para uma outra mais acolhente e agradável do que aquela terrena. Isto, graças também ao meu caro Angelo que continua a me falar do seu mundo de paz e amor.

Despojando-se do seu corpo material, se revestiu de um hábito luminoso e nesta sua nova veste mi guia, mi aconselha, não me deixa nunca me sentir sozinho.

È bello tê-lo acanto, sentí-lo, poder falar-lhe.

Sei quanto as minhas palavras podem suscitar desconfiança e incredulidade, e deixo a cada um a liberdade de pensar como quiser.

Sei, porém, que para mim chegou o momento de testemunhar não somente o que me aconteceu no passado, isto é, a minha extraordinária cura, mas também aquilo do qual hoje sou protagonista. Desejo, porém, fazer uma precisão.

40

A natureza dos meus contatos com Dom Angelo era somente e exclusivamente espontânea. Eu nunca, nem de longe, pensei em “evocar” o espírito de Dom Angelo, mesmo porque eu conhecia a sua posição para com certas “práticas espíritas” que ele condenava severamente. Os meus contatos com ele são todos completamente involuntários, chegam quando menos espero, mas sempre no momento oportuno. Às vezes, não nego, rezei intensamente pensando nele, esperando uma resposta que, pontualmente, mi chegou “dentro”, infundindo-me uma paz profunda que somente quem a sentiu conhece. Dom Angelo se comunica comigo de um jeito que só Deus conhece, mas que – e repito para deixar bem claro – não tem nada a ver com “as práticas espíritas” notoriamente condenada pela Igreja.

A prudência em certos casos, nunca é demais e compreendo a severidade da Igreja em julgar quem com muita facilidade se aproxima de certas práticas proibidas pela Bíblia, mas hoje, por sorte, muitos sacerdotes, apesar de que, com muita prudência, si abriram a uma possibilidade de comunicação com o além. Entre estes, padre Zaccaria Bertoldo e padre Ulderigo Pasquale Magni. Este último foi hóspede recentemente na cidade de Pisa, e vai ser ainda por causa de uma série de conferências sobre o tema.

Os tempos escuros da Igreja agora já são uma distante e triste lembrança. Já estão superados os tempos em que bastava ser suspeitos de ter qualquer relacionamento com espíritos desencarnados, para terminar de baixo de um processo e ser condenado pelo Santo Ofício. Disto, infelizmente ainda resta viva a triste e famosa história de Giovanna d’Arco, a virgem de Orléans, que “via” e “ouvia” presenças intorno a ela e com a s quais se comunicava.

41

Ela “via” sem que pedisse e os seus fenômenos eram todos espontâneos, mas a sinceridade dela não foi o suficiente para salvá-la: foi acusada de possessão diabólica e foi condenada a morrer queimada. Sucessivamente foi reconhecida inocente e, quase quinhentos anos depois, foi exaltada às honras dos altares. Melhor tarde do que nunca e, também para a igreja, os tempos mudaram.

Isso, para dizer que de erros foram feitos muitos e, mesmo que fosse de maneira menos dramática, si continua a fazer ainda hoje, mas “*errare humanum est, sed perseverare...*”.

Dom Angelo era muito hostil às “práticas espíritas”, que definia como obra do demônio, mas admitia abertamente a existência de um Além com o qual se comunicava. Podia “ver” e “falar” com “presenças espirituais”, ao qual pedia conselho e ajuda e portanto como poderia negar a outros pré-escolhidos por Deus – e somente por ele – iguais dons? E além do mais sabia muito bem a data da morte dele e, para confirmar esta minha afirmação, vou contar un breve episódio.

Um dia mi disse, todo feliz:

“Sabe que prolongaram a minha vida por mais dois anos?”

Sabia a quem ele se referia,isto é,aos seus amigos invisíveis con os quais era in grau de dialogar!quantas vezes pedindo-lhe conselhos,o via retirar-se a uns metros de distância e, com a máxima simplicidade com o diálogo deles para depois me dizer os seus iluminado parecer !

Soube dar-me conselhos,ou melhor soube colocar em mim ensinamentos,sobre variados assuntos que se referiam á minha vida seja espiritual seja na prática.

42

Para com ele nunca percebi nenhum receio quando si tratava de enfrentar qualquer problema,porque ele se mostrava homem com todos os seus limites.E ao mesmo tempo sabia demonstrar aquela sabedoria paterna que muitas vezes deixava em mim algo de novo,come se a sua pessoa emanasse uma luz que o ultrapassava, e que não provenia dele,mas de alguém muito mais grande do que ele,Deus.

De Dom Angelo eu gostava tudo,mesmo quando ficava bravo,porque até mesmo através das suas reações bruscas se percebia o seu elevado carisma.

O próprio Jesus,muitas vezes,usou palavras fortes dirigindo-se aos fariseus,e não usou certamente as palavras gentis para expulsar os comerciantes do templo.

Dom Angelo também algumas vezes foi brusco seja comigo seja com os outros.Uma vez, por exemplo,sentindo-se muito mal,mandou para casa todos áqueles que tinha vindo á procura dele para uma consulta e depois se retirou no seu quarto.

Eu,inconsciente da sua legítima necessidade de querer ficar sozinho para descansar,tentei segui-lo até o seu quarto.pensei “ a mim Dom Angelo não pode dizer não!”. Apenas me viu,me lançou um olhar carrancudo e severo,me ofendeu e me deu um empurrão.Com o meu precário equilibrio caí no chão.

“Recentemente tive un infarte – gritou – vai embora,mal educado!”

Mi senti despedaçado,vi a escuridão diante de mim e caminhei em direção ao vazio.

43

Escrevi-lhe uma carta pedindo perdão pelo meu comportamento descarado e ele me respondeu com un convite.

Quando o vi novamente exclamou:

“Eis aquele que nunca está contente!Vem aqui,abraça-me”.

Depois acrescentou:

“ Reze por mim e perdoa-me,ti suplico!”.

Objetando-me,respondi que não tinha nada para perdoar a um santo,mas logo ele rebateu:

“Eu não sou um santo!Santo é você!”.

Fiquei muito pasmo com a afirmação dele.

“Santo eu,e porquê? “lhe perguntei.Mi respondeu:

“Sim,santo é você,porque não só não fez mal nenhum a quem te fez muito,mas rezou por eles acompanhando com o seu perdão.Eu sou um pecador,espero o teu perdão e a tua benção”.

As palavras de Dom Angelo me deixaram amedrontado.

Ás vezes si pode viver momentos no qual si teme o despertar e si ralenta no extasi de um sonho amigo.Aquele foi um destes momentos.

Só um verdadeiro santo poderia comportar-se daquele modo.

Ele pedia para mim rezar por ele...!

Mas,segundo eu,o belo da santidade está exatamente no fato de que em uma pessoa como Dom Angelo,os dois aspectos fundamentais do seu ser,isto é, a sua profunda dedicação a Deus e a sua humanidade com os seus limites,si misturavam juntos formando uma coisa só harmoniosa que deixava transparecer ambas.

Mi considero um homem realmente de sorte. Conheci a alegria de ver e de caminhar de novo, mesmo que com algumas dificuldades, mas, acreditem, depois de ter vivido a imobilização absoluta, é maravilhoso!



Mons. ANGELO FANTONI (1903 - 1992)
Parroco di Verniana (AR)

Il Conoscente
Fronco in segno di
affetto e stima
Angelo Fantoni

8-XII-85

46

Compreendi o que significa conhecer a vida depois de ter desflorado a morte, e tudo graças ao fato de ter tido como amigo mais que fraterno um santo, Dom Angelo.

Quando eu era muito jovem, talvez tinha dezoito anos ou menos, sentia que um dia eu teria conhecido uma pessoa completamente especial, da qual eu teria recebido tanto bem. Porém, para ser mais preciso, tenho que dar um passo atrás e narrar um episódio que si refere a mim de maneira mais próxima..

Tinha três anos quando me aconteceu uma coisa que me marcou para sempre.

Este episódio me foi contado pelos meus pais, porque, quando se verificou, eu era muito pequeno para poder recordá-lo. Minha mãe, ainda hoje, si lembra com muita emoção.

Um dia os meus pais foram passear á beira do rio Reno e me levaram com eles. Quando chegaram no lugar começaram a conversar e a fazer as coisas deles, enquanto eu, na companhia de outras duas meninas, comecei a brincar com uma pequena pata de plástico que eu fazia boiar na beirada do rio. Num certo momento a patinha escapou da minha mão e si distanciou do meu alcance. Tentei esticar o meu braço para pega-la, mas era muito curto para alcança-la. Me esforcei muito e perdi o equilíbrio caindo no rio. Eu era muito pequeno e não sabia nadar. Mia mãe viu o meu bonezinho escrito em cima “Forza Coppi” na água, alongou o olhar e me viu boiando já distante. Começou a gritar e meu pai mesmo sem saber nadar, me alcançou e consegui me levar para a beirada. Eu tinha perdido os sentidos e não respirava mais. Me fez a respiração boca a boca até quando eu abri os olhos e comecei a respirar.

47

A primeira coisa que eu disse foi: “mamãe, foi Nossa Senhora que me salvou!”. Quem inspirou aquelas palavras em um menino de três que não tinha tido ainda uma educação religiosa ao ponto de poder justificar-la?

Infelizmente para minha mãe, a lembrança daquele dia está ainda vivo e doloroso, mesmo que já tenham passado quase cinco anos. Em mim desapareceu completamente, porque muitas veze um choque forte pode dar amnésia, mas penso que tive realmente um “contato” e de ter sido realmente salvado pela Virgem Maria da qual a minha mãe era muito devota.

Eu li sobre pessoas que depois de ter voltado de um coma o depois de ter estado em um ponto de morte, voltaram á vida conquistando faculdades paranormais e, isto pode ter acontecido também no meu caso.

Desde a minha adolescência, eu mi surpreendia pela minha insólita capacidade de fazer previsões dos fatos que depois pontualmente, aconteciam.

Guardava cuidadosamente este segredo, contava somente para a minha namorada que com o passar do tempo, confessou que tinha medo. Talvez ela tivesse razão, porque eu conseguia prever até mesmo coisas da minha vida futura., tanto que uma vez saindo do campo de futebol onde tinha jogado uma partida, lhe disse:

“Está vendo que forza eu tenho nesta perna direita? è a minha melhor perna, e contudo chegará um dia no qual poderei soergue-la tendo como apoio só a esquerda”.

“Por quê. – me perguntou ela – você vai quebrar de novo a perna direita?”.

“Não. – lhe respondi logo – Serei internado e vão diagnosticar em mim um tumor no cérebro; não temas, não serei operado.

48 Vão me torturar e sairei daquele hospital com problemas perambulantes e além do mais cego. Se não me matar as dores por causa daquele tumor e por causa dos exames clínicos, e não me suicidar, no dia 9 de dezembro de 1971, terei um encontro que mudará a minha vida. Você não vai estar presente porque vais vir ao hospital e vais me dizer adeus. Vou viver sozinho e tal qual ficarei por muitos anos....”.

A minha namorada me escutava quase assustada, fiz previsões também sobre ela, mas por motivos óbvios, omiti, mas estas também foram todas realizadas.

Eu já tinha visto tudo ou quase tudo, inclusive o meu conhecimento de uma pessoa especial a quem eu devo tanto. Mas eu não tinha ainda muito clara a identidade da pessoa, só mais tarde se revelou em Dom Angelo Fantoni.

Muitos são os episódios insólidos que, a propósito, posso contar.

Por exemplo uma vez, enquanto eu estava indo me encontrar com a minha namorada, vi que estava passando um funeral. Mi chamou a atenção a beleza das coroas de flores e, em particular, um rosário pendurado em uma árvore .

Descrevi tudo para a minha namorada, perguntando a ela se conhecia o defunto ao qual se ofereciam todas aquelas flores, mas ela me respondeu que não sabia do que se tratasse. Saímos e, e para a minha grande admiração, não tinha mais nenhum rastro do que eu tinha visto pouco antes; pedi informações às pessoas que moravam ali por perto, mas ninguém tinha visto ou sabido alguma coisa. Loucura.

Depois, no dia seguinte, a minha namorada saiu de casa e...viu aquilo que detalhadamente eu lhe tinha descrito um dia antes!

Poderia contar outros episódios análogos mas acho que não é o caso. Certos acontecimentos mi deixavam pasmo, mudo, não sabia como defini-los. Eu era jovem e **49**-pensava no meu futuro que sonhava com “ela”, mesmo sabendo, no fundo do meu coração, que para nós dois não tinha futuro. Eu previa, é verdade, mas eu procurava espantar a idéia de prever, porque significava renunciar aquilo que eu mais queria. Na época o meu ideal era viver com a minha futura mulher, na minha casa e desempenhar um trabalho que eu gostasse. Tudo aqui. E ao mesmo tempo “sabia” que as coisas aconteceriam de forma bem diferente.

Também esta previsão seria pontualmente revelada alguns anos depois.

Vivi momentos terríveis que hoje , porém, abençoo, e se para encontrar Dom Angelo tive que sofrer tanto, então valeu realmente a pena.

Lembro-me que a primeira vez que o encontrei, fiquei super contente de poder lhe perguntar o que ele achava daqueles seus dotes insólitos, daquele fluído dele do qual se falava tanto. Ele me respondeu:

“Também o senhor é dotado de um sexto sentido, sabe? Mas o usou de modo errado e teve algumas perturbações variadas. Por outro lado, o senhor, pelo resto da vida será uma eterna ajuda para a medicina”.

Segundo Dom Angelo, de fato, a minha doença tinha sido determinada pelo uso errado da minha capacidade de fazer previsões. Tinha razão porque eu, muitas vezes, conhecendo o procedimento de certos fatos, procurava tirar um lucro e um benefício pessoal.

Por exemplo, quantos jogos eu ganhava naqueles tempos! Não percebia muito bem, porque era muito jovem, mas eu estava prejudicando gravemente a minha saúde. Depois do encontro fundamental con Dom Angelo compreedi quanto tudo aquilo era errado e, graças a ele, aprendi a comandar melhor aquele dom insólito.

50 Hoje vejo os médicos que me observam de modo estranho, em silencio. Não se pronunciam. Mas as palavras que pronunciou Dom Angelo me parecem mais claras. Aquilo que é impossível para a medicina é possível para Deus, mas isto nem todos os médicos aceitam e se deixam vencer pela própria presunção.

Todas as visitas que Dom Angelo fazia ao grande numero de pessoas que populavam a sua canonica tinham a duração de poucos minutos, ao contrário eu ficava com ele por mais de uma hora. Recebia os seus ensinamentos, mi dava o seu “fluído” com os seus abraços e rezávamos juntos. E isto durou por mais de vinte anos.

O toque das suas mãos fortes e enérgicas era suficiente para recolocar no lugar certos males físicos.

No final de cada encontro nosso, o abraçava e recitava com ele o *Pai Nosso*. Uma vez foi ele que quis me abraçar e, enquanto rezávamos, apertou bem forte as minhas costas, começando pelos ombros e terminando na cintura.

“O quê você fez em mim?” lhe perguntei. Primeiro titubeou, depois admitiu:

“Ti aplicaram muitas injeções lombares e as vértebras tinham-se distanciado entre elas. Agora não, voltou tudo no lugar”.

Efetivamente a partir daquele momento pude inclinar-me sem sentir mais alguma dor. Depois, um dia, sentindo-me muito curioso, fiz uma radiografia da espinha dorsal e o resultado do exame foi espantoso: Não se notava mais nenhum rastro de injeção! E como dizer que na pele estão ainda bem visíveis os sinais das cicatrizes! Os médicos encararam aquilo como algo insólito, estranho...Somente eu sei o quê aconteceu exatamente aquele dia.

52

Quantas vezes eu falei com Dom Angelo! Uma vez acompanhei até ele um meu colega. No final do encontro, me chamou a parte e me disse: “Fique perto dele, porque tem pouco tempo”.

Alguns dias depois o meu colega morreu enquanto dormia, a sua esposa não percebeu nada. Diante de certos fenômenos também a Ciência se inclina e se cala, não sabendo fornecer nenhuma explicação científica. Talvez somente a parapsicologia pode dar, a pesar de limitadamente, algumas respostas, mas eu confirmo que diante de certas manifestações o homem deve se render às evidências e crer em um Deus único e misericordioso, dispensador de muitos bens. Um Deus, que pode se manifestar através de pessoas especiais, como o humilde padre de Verniana.

Com Dom Angelo era assim. Muitas vezes era capaz de me deixar espantado, dando-me, sempre mais, prova do seu autêntico e excepcional carisma.

Para ser mais preciso, poderia dizer que comigo, Dom Angelo, mais do que uma só cura, tenha realizado múltiplas e extraordinárias curas de natureza seja física seja moral.

Através daquele seu prodigioso fluído, voltei devagarinho á plena vontade de viver, á serenidade, á pace.

Ainda hoje mi fala “dentro”, mi dá conselhos, mi exorta e mi empurra a ajudar outras pessoas.

Graças ao seu iluminado conselho, que mi oferece o Além, pude ajudar até a minha cunhada aflita por causa de uma grave forma de érnica no disco.

Dom Angelo, dentro de mim, tinha me sugerido de ir encontra-la, toca-la e rezar com ela. Assim eu fiz e, dentro de poucos dias, a operação que já tinha sido descontada, foi implorada.

54 Digo isto não para despertar admiração, porque, está longe de mim provocar isso – não me sinto realmente digno, mas para que si crea o quanto eu afirmo que Dom Angelo está ainda vivo e mi fala.

O quê mi fazia incrédulo poucos anos atrás, hoje me encontra muito mais disponível para crer e isto porque eu mesmo tive que me render diante de certas evidências assim óvias de deixar desconcertados.

Obrigado e obrigado mais uma vez, Dom Angelo!

Quando ele morreu, eu soube por acaso. Um dia telefonei para Verniana e mi disseram: “Mas você não sabia? Dom Angelo morreu!”.

Emudeci. E tirar a palavra de um verboso como eu não é fácil.

Aquelas palavras me “podaram as asas”, mas passados os primeiros momentos de abatimento, iniciei a “perceber” a sua presença perto de mim.

Passados já sete anos, desde aquele dia mi sinto no dever de gritar: “Está vivo, hoje mais do que nunca”.

Dom Angelo tinha predestinado a mim, como penso que teria predestinado a muitos outros seus filhos espirituais dizendo:

“Quando estiver morto vou mudar domicilio, mas não mudará nada para ti, aliás vai ser muito fácil para você me espor os teus problemas, porque assim vais economizar muitas viagens que poderiam custar muita fadiga, dinheiro e risco de vida”.

Dom Angelo está vivo e sempre disponível para me ajudar. A cura milagrosa que operou em mim, não é tanto corporal quanto espiritual refazendo-me de novo e convertendo a minha blasfêmia em oração. Aliás, talvez a obra mais grande que cumpriu em mim, foi exatamente a minha conversão a Deus, á sua vontade, aos seus projetos.

55

Antes era um rebelde, hoje me deixo levar pelas decisões que o senhor toma para mim e, a pesar das minhas dificuldades, isto me satisfaz e me deixa feliz.

Dom Angelo, lá da sua “nova casa” não me deixa faltar á sua ajuda e o seu conselho e, cada vez, me dá a prova da sua proximidade.

Cerca de um ano atrás eu caí enquanto tomava banho e não consegui mais me colocar em pé. Acontecia muitas vezes de cair, mas aquela vez foi diferente. Quantas vezes, depois de uma caída, me dirigia a Dom Angelo que me ajudava a levantar!

Todavia aquela vez, apesar das minhas invocações, não consegui. Me arrastei até o quarto e, com fadiga, mi estendi sobre a cama.

Esperei que, com una noitada de repouso, tudo voltasse ao lugar, mas não foi assim. Tive que chamar o médico, que me aconselhou fazer uma radiografia.

Fui acompanhado até o pronto socorro, onde, feito os devidos accertamentos, me foi constatada a fratura do pescoço do fêmur, portanto era necessário uma urgente operação.

Fui imediatamente internado no hospital maior de Bologna e me confiei a Dom Angelo para que me ajudasse.

Os médicos si declararam abertamente ascéticos sobre o fato de eu voltar a andar, por causa das minhas condições precedentes, e eu também duvidei fortemente.

Chegou a manhã da cirurgia e, como sempre tinha feito naqueles dias, pedi ajuda a Deus e a Dom Angelo. Poucos minutos antes de entrar na sala de operação ouvi finalmente a sua voz.

“Franquino, vai tranquilo. Vai dar tudo certo. Vai precisar de tempo, mas voltarás a caminhar...”

56

Mi senti encorajado. Depois acrescentou:

Esta feia fratura é coisa velha, a caída recente só terminou de quebrar um osso já inclinado...”

Eu não compreendia bem o quê queria me dizer, mas aquele dialogo foi suficiente para me fazer enfrentar bem a operação.

Teve, mais uma vez, razão. Quando saí da sala de operação, os médicos declararam que tinha sido uma delicada e complicada operação, porque a fratura era não somente feia, mas também muito velha, tanto que já se tinha formado uma calosidade óssea. Desde quando saí daquele

hospital, iniciou a minha lenta e gradual recuperação e hoje ainda posso caminhar como antes, mesmo que acompanhado das minhas duas fiéis muletas.

Estes não são talvez milagres?

Mais uma vez a medicina se mantém incrédula, eu penso em Dom Angelo, calo, sorrio, agradeço. Como ele moldou a minha vida!

O impuro, blasfemador de um tempo hoje abençoa; aquele morto vive, aquele cego vê, aquele paralizado anda, aquele ferido olha com um sorriso as suas feridas e continua a lutar sereno.

Para concluir desejo contar-vos sobre o dia que decidi fazer visita, pela primeira vez, no túmulo de Dom Angelo.

Um dia senti bem claro a sua voz ressoar dentro de mim:

“O quê estás esperando para voltar para Verniana? E, já que estarás por lá, vai também até o meu túmulo”.

Na realidade eu desejava há muito tempo, mas nunca tinha encontrado um empurrão necessário para ir, e pensar que, até que Angelo esteve nesta terra, não passava mês que não partisse da cidade de Bologna, independente de qualquer condição atmosférica, para encontrá-lo em Verniana.

57

Quantas vezes eu arrisquei a vida por causa do mal tempo! Deus quis me proteger nas minhas numerosas viagens até Verniana, onde eu via realizadas as minhas esperanças de cura.

Hoje eu percorro de novo com a mente os muitos e longos anos no qual, quase mensalmente, partia da minha cidade com o coração cheio de esperança para alcançar a pequena cidadezinha, onde um humilde e idoso padre da montanha mi esperava, pronto para me acolher nos seus braços fortes, e também tanto cansados. E as lembranças ficam nítidas e vivas, ao ponto de infundir-me, como então, alegria e serenidade.

Conhecer, dialogar, rezar, com Dom Angelo não era coisa pouca, porque ele não era uma pessoa qualquer. Muito pelo contrário.

Todas as vezes mi sentia “recarregado” daquela sua força carismática, que não provinha de homem mas de Deus, não se pode defini-la com exatidão.

Mas voltando ao meu desejo, aliás ao convite que Dom Angelo mi fez para voltar aos seus queridos lugares.

Um dia transcorrido o verão, finalmente, pude realizar o que tanto desejava e, na companhia de alguns amigos, me dirigi até o monte San Savino.

A primeira etapa, porém, eu quis fazer na casa natal de Dom Angelo, eu Freggina, uma pequenina cidade situada sobre um monte, onde eu tive o prazer de conhecer alguns dos seus parentes, que me acolheram muito cordialmente.

Depois non dirigimos para partina, pouco mais em baixo, onde em um pequeno cemitério descansa Dom Angelo.

“Desculpe – perguntei a uma pessoa que estava ali, - onde fica o túmulo do Mons. Angelo Fantoni?”

“È lá, em cima, no final daqueles degrauzinhos”, me respondeu.

Pensei que seria para mim uma subida dura e fadigosa, mas para o meu anjão valia apenas fazer aquilo e muito mais.

Na companhia dos meus queridos amigos e das minhas fiéis muletas subi os degrauzinhos que me separavam do túmulo de Dom Angelo e, feitos poucos passos, a vi diante de mim.

“Oi, anjão – disse – finalmente te encontrei!”

Pensava talvez de escapar de mim?”

Diante de nós surgia uma pequena capela branca com a escrita “Família Fantoni” e, apesar do portão estar fechado, conseguimos ler o epitáfio que Dom Angelo desejou que fosse colocado na sua lápide:

Não chorem pelo meu desaparecimento
Espero ficar no céu juntamente com os meus pais
Rezarei por vocês os quais eu sempre amei
Em Cristo ajudei e sacrifiquei-me por todos vocês
Na terra – a morte é a verdadeira
Organista da vida

Uma escrita como essa não precisa de comentários, mas só de um obsequioso respeito. Para com um homem de tal inteligência moral e espiritual não podemos fazer outra coisa se não calar, meditar e, sobre tudo, rezar. De fato, diante daquela branca capelinha, onde Dom Angelo repousa em companhia dos seus amados pais, nos recolhemos todos em oração, penetrados pelo sossegado silêncio do vale. Eu dirigi o meu pensamento a Deus e às infinitas maravilhas que nos doa, como aquele homem por mim tão querido.

Olhava a laje que fechava os seus restos mortais, provando a sensação de sentir em mim mesmo ainda vivo e tive, mais uma vez, a confirmação, quando as minhas orações foram interrompidas pela sua voz nota e amiga que nitidamente ressoou dentro de mim:

60

“Obrigado, Franco, pela visita e pelas orações. Estais entre os poucos que o fizeram, mas tu rezas também por aqueles que não se lembram...Eu, como ti disse um tempo, com a oração estarei sempre perto de ti...”

Voltei o olhar em direção ao vale verde que se estendia em meus pés. Era silenciosa, quase prostrada em direção àquele pequeno cemitério, na direção do túmulo daquele humilde padre, uma figura carismática de incomensurável valor.

Esta paisagem, pensei, parece ser a fotografia de Dom Angelo. É calma, decidida, amigavelmente severa, exatamente como ele.

Eu estava imerso nos meus pensamentos, quando a atenção dos meus amigos foi capturada por alguma coisa que estava nos meus pés.

Um deles se inclinou e recolheu um pequeno objeto de não sei que tipo de material, talvez uma mistura de pedra e cimento. Seja como for, independente da substância da qual era composta, a chamar nossa atenção de modo particular foi a forma. De fato aquele minúsculo pedaço de pedra era um pequeno coração que “alguém” o “alguma coisa” tinha misteriosamente esculpido e deixado nos meus pés diante da tumba de Dom Angelo.

Nos olhamos admirados, mas cientes e de acordo de ter recebido como “dom” aquele coraçõzinho como penhor e lembrança de uma eterna amizade.

Advertimos todos nitidamente naquele pequeno objeto de forma tão eloquente o concretizar-se de um gesto de amor para com nós da parte do humilde pároco de Verniana.

62

“Angelo querido – assim me dirigi a ele – este coração é o teu enésimo dom. Obrigado!” Nos reunimos ainda em oração, depois, satisfeitos e felizes, nos dirigimos em direção à saída passando lentamente entre os túmulos brancos e limpos.

Prosseguimos com a nossa viagem verso Verniana, onde visitamos os queridos lugares, nos quais Dom Angelo exercitou a sua missão de pároco e carismático.

Também ali encontrei muitas pessoas que, num modo ou de outro, tinham colaborado com ele.

Entre estes, gosto de lembrar Agostino Lachi, seu colaborador e amigo por muitos anos, não menos Giocondo e Maria, dois cônjuges muito queridos para Dom Angelo, proprietários do herbanário da cidade de Verniana onde vinham distribuídos alguns remédios naturais que o pároco, às vezes, aconselhava aos doentes e onde, ainda hoje, se podem encontrar alguns destes produtos.

Durante a volta me senti muito cansaço mas finalmente mi sentia satisfeito por tantos encontros e insólitas sensações.

Todavia, o único e verdadeiro protagonista daquela jornada tinha sido ele, Dom Angelo, que por vias desconhecidas, me tinha feito sentir sempre a sua inequívoca presença.

Enquanto voltava para casa senti as mesmas sensações de um tempo, quando, depois de ter estado com ele, ficava cansado, mas feliz.

Mais uma vez provei a sensação de “plenitude espiritual”, de paz e serenidade, e foi bonito descobrir, depois de tantos anos, como superadas as barreiras da matéria e do corpo, nos possamos reencontrar ainda, totalmente e para sempre.

Durante a viagem de volta ficamos todo o tempo em silêncio, quase para não despedaçar aquele maravilhoso encanto, mas muitas vezes o meu olhar se estendia sobre aquele frágil coraçãozinho apoiado no painel do carro.

63

Já o sentia como um pequeno e imenso tesouro que eu teria cuidado carinhosamente, porque me foi doado por Dom Angelo.

Quando, ao cair da tarde, nos saudamos, mi senti particularmente feliz por ter feito crescer a minha fé e a minha bagem de experiência.

As vias misteriosas e salvificas do Senhor são infinitas e exatamente através de uma destas mi fez encontrar um homem extraordinário, que me trouxe de novo á vida.

Para todos Deus prepara uma via diferente, mais ou menos longa, mais ou menos difícil, mas através da qual inesperadamente, se pode encontrar a resposta para as nossas inumeráveis ansiedades e, sobre tudo, a estrada para uma autêntica e completa cura, seja do corpo seja do espírito.

Portanto, não se desespere jamais, porque tem sempre para todos, indistintamente, a esperança de libertar-se de uma situação que nos apareceu sem saída.

Angelo querido, faça com que estas minhas palavras e este livro, onde publiquei também a tua foto, possam enxugar uma lágrima e dar uma cristã esperança áquele que está enfrentando um túnel na sua vida.

Queridos leitores, Angelo está vivo, vocês precisam acreditar. Acariciem a sua foto e, com uma oração, peçam a ele ajuda. Tenho certeza que vos exaudirá.

Franco Predieri

65

A luz de Deus

Prefácio

*[...] Eu derramarei o meu espirito sobre todo homem
e profetizarão vossos filhos e vossas filhas;*

*vossos anciãos terão sonhos
vossos jovens terão visões [...]
Joel 3.1*

*[...] A cada um é dada a manifestação do
Espírito em vista do bem comum. A um é dada
Pelo Espírito a palavra de sabedoria. A outra, a palavra
De ciência segundo o mesmo Espírito. A outra, a fé no mesmo
Espírito. A outro, o dom de curas no mesmo Espírito. A outro, o
Poder de fazer milagres. A outro, profecia [...]
1 cor. 12.7-10*

O mistério da vida depois da morte sempre fascinou o homem, seja por uma sutil quanto espontânea rejeição da mesma como fim total e definitivo, seja por um natural desejo de querer dar um significado mais amplo á própria vida terrena, muitas vezes assim difícil de conduzir.

Veja, por exemplo, a experiência de certas pessoas que vivem – ou melhor, sobrevivem aos limites das possibilidades humanas, como os deficientes graves, os doentes crônicos, certas categorias sociais o etnias que sofrem ainda a fome e assim muitas outras.

Às vezes vem espontaneamente de se perguntar que sentido tem certas existências, no entanto, se as olhamos com um olhar diferente que transcenda a pura razão humana podemos dar a elas um significado bem preciso.

66

Tal significado, porém, se pode ver só se usarmos uma certa chave interpretativa que nos consinta de ver um pouco mais além, melhor e mais claramente aquilo que vivendo exclusivamente nesta realidade e inteiramente inseridos no materialismo absoluto não podemos nem ver, nem tanto menos, intuir.

Infelizmente, porém, esta é uma atitude na qual se refugiam em muito, não tanto por rejeição categórica de uma realidade Transcendente, mas porque tal atitude rende – mas só aparentemente – mais fácil a condução da existência terrena.

A rejeição categórica da existência de uma vida além da terrena é muitas vezes só um refúgio para não querer pensar a uma continuação de outra forma e substância que, a modelo daquela humana, poderia ser extremamente dura e difícil; por isso, tentando simplificar, nos recusamos a ver as coisas através daquela chave interpretativa diferente. Uma chave, todavia, que então é patrimônio daqueles que procuram, valem e, por sorte, encontram muitas respostas ás inumeráveis perguntas que nascem espontaneamente, tais como: “quem sou?”, “de onde venho?”, “onde vou?”, ou talvez ainda, espécie si vive uma situação difícil ou uma perda de improviso de uma pessoa querida: “por quê aconteceu logo comigo?” Estas e muitas outras perguntas , não tem e não podem ter respostas se não as avaliamos através daquela chave interpretativa que nos consente de dar um significado profundo a certas experiências aparentemente cruéis e inesplicáveis.

È como se tivesse um fio invisível que une tudo num grande projeto do qual podemos avistar só um particular, mas se nos levantamos e modificamos o ponto de vista pode nos parecer claro e cheio de significado porque visto no seu todo.

67

Mas como modificar sempre que se quer – aquele ponto de vista que nos consente de ver o sentido profundo da nossa existência?

Há muitas atitudes que marcam eventos humanos particularmente difíceis de aceitar e, diante de qualquer evento catastrófico que envolve a nossa existência, nos refugiamos seja no mais

fechado materialismo no qual damos livre desabafo a uma rebelião que muitas vezes pode alcançar certos excessos como o suicídio, ou também procuram uma outra alternativa qualquer como saída para o desespero.

Mas tem ainda um outro modo – e aqui entramos no mérito do evento di Franco Predieri – isto é, que o “evento catastrófico” devastador conduza, em um primeiro momento, a uma natural e compreensível rebelião mas, sucessivamente, com uma vida nova e inesperada onde se possa conquistar uma chave de leitura totalmente diferente, por isso, o alcance não só de uma compreensão de um dilacerante acontecimento, mas ver o peso numa projeção que transcenda a pura razão humana.

Quantas vezes se ouve dizer que depois de uma duríssima e lacerante experiência si alcança, no tempo uma paz profunda que nunca se tinha provado antes? È como se uma inesperada iluminação fosse clarear as mentes de certos seres humanos que, ultrapassando o limiar da dor, entram numa dimensão jamais pensada e onde possam conquistar uma nova e duradoura sabedoria.

Tal experiência, justamente, a de Franco que, apesar da sua compreensível rebelião inicial, não se fechou completamente no mais escuro materialismo, mas deixou uma fresta aberta através da qual a luz Transcendente clareou a sua mente sofrida e abriu lentamente uma passagem por onde Deus pôde inserir a figura carismática de um seu servo fiel, Dom Angelo Fantoni.

Quando sua tia Norma se aproximou dele, semi paralizado e quase cego, no hospital de Modena e lhe propôs de se submeter á prova de um padre dotado de um particular “fluído” Franco aceitou sem se negar aquela unica possibilidade que lhe restava. Aliás, das suas mesmas palavras destila aquele tantinho de esperança que, da primeira vez em diante, foi o “empurrão” real que sempre o acompanhou verso Dom Angelo.

Certo, se poderia objetar que quando não se tem mais nada a perder nos poderíamos confiar até mesmo ás mais difíceis possibilidades, mas não é sempre assim, aliás parece que na maior parte dos casos seja mais fácil render-se que lutar, deixar-se andar sem esperar.

No caso de Franco, mesmo que inicialmente foi a tia a promover aquela iniciativa que depois resultou determinante, se pode afirmar que na sua atitude desponível a crer “até prova contrária” e não negar, abriu a possibilidade que de tal encontro pudesse chegar a qualquer possibilidade de sobrevivência tinha já delineado, mesmo que não definida, aquela chave de leitura de todo o seu evento doloroso.

Eis como, hoje, aquela chave interpretativa diferente consinta a Franco de ver bem como estão realmente as coisas e toda a sua história marcada por insólitos acontecimentos, é realmente a confirmação.

De fato, até hoje, durante o arco de toda a sua existência, muitos são os eventos de natureza paranormal do qual foi protagonista e tudo poderia ter tido incio, talvez daquele episódio que **69** lhe aconteceu quando tinha apenas três o quatro anos caindo no rio Reno, um acontecimento dramático com aspectos sem dúvida alguma insólitos.

A mãe o viu boiar desacordado, aparentemente privo de vida e seu pai, mesmo sem saber nadar, se jogou no rio e, com grande fadiga, conseguiu trazê-lo de volta á beirada.

Quanto tempo terá ficado o pequeno Franco sem os sentidos? Ninguém pode responder exatamente, todavia, pelo precioso testemunho da mãe de Franco, ocorreu um esforço não indiferente para trazê-lo de novo lentamente ás suas funções vitais.

A idosa mãe, á distância de quase cinquenta anos, si lembra ainda daqueles momentos com viva trepidação e, com a mesma, repetiu as primeiras palavras que o menino pronunciou apenas recuperado os sentidos, palavras que a idade não pôde cancelar:

“mamãe, foi Nossa Senhora que me salvou!”

È muito estranho ouvir pronunciar aquelas palavras de um menino assim pequeno que não tinha ainda recebido nenhuma educação religiosa e junta, em um modo assim certo e imediato.

Além disso si pergunta se naquela tenra idade se pode perceber que se esteve em um grave perigo de vida e ter a lucidez de ligar o evento sávicico á figura de Nossa Senhora.

Este dramático acontecimento não é para desvalorizar, ao contrário é de fundamental importância para uma melhor compreensão de todo o evento de um homem que, a pesar da dura experiência de vida e as consequentes limitações físicas, é hoje profundamente sereno.

È preciso dizer que, muito provavelmente, também á luz de fatos sucessivos que durante a adolescência lhe aconteceu, Franco teve uma experiência de NDE que, do inglês Near Death Experience, significa “experiência em proximidade da morte”.

70

Tais experiências, hoje, são objetos de sérias pesquisas e estudos da parte de numerosos parapsicólogos e muito se escreveu sobre este tema inquietante e, ao mesmo tempo, fascinante.

Neste sentido são muito interessante as pesquisas do médico americano Raymond A. Moody que, sobre o assunto, escreveu diversos livros entre os quais *A vida além da vida* e *Novas Hipóteses sobre vida além da vida* nos quais são citados vários testemunhos de NDE.

Mas olhamos mais de perto, mesmo que sinteticamente, de que si trata.

Muitas pessoas, encontrando-se em proximidade da morte, uma vez “retornados” á vida, contam de ter vivido experiências extraordinárias e ter tido visões ultraterrenas.

Tais “crises da Morte” podem acontecer por causas diversas seja durante as cirurgias, seja causadas por um infarto ou alguma outra improvisada patologia, seja por um acidente que leva o individuo a um estado de coma o completa inconsciência depois que, ao se despertar, talvez chegam a referir visões paradisíacas e encontros com pessoas já defuntas.

Mas não só. Depois de uma experiência do genero um individuo pode adquirir particulares capacidades extrasensoriais e iniciar a “ver” e a “sentir” em modo paranormal coisas, pessoas ou eventos. E como se, atravessada mesmo que por poucos minutos uma “certa soleira”, uma vez retomada possesso das próprias faculdades, permanecesse uma percepção diferente da realidade.

Não sempre, mas, permanece a lembrança de eventuais encontros feitos sobre a soleira entre a vida e a morte em uma outra dimensão e Franco é um destes mas, segundo alguns estudiosos, o fato que falte á lembrança não é determinante porque isto não exclui que durante uma experiência de **71** NDE si possam ter tido, potanto, visões ou encontros sobrenaturais sucessivamente removidos.

Portanto, no caso de Franco, a ausência de memória daquele fatídico dia do salvamento do afogamento e de uma visão celeste não é determinante, mesmo porque, seja a sua tenra idade seja o evento traumático poderia ter contribuído para cancelá-lo.

Infelizmente, tudo que ficou, a nível de memória, é referido ainda hoje somente pela mãe com imutável emoção.

Se pode acrescentar somente uma última coisa, isto é que, dando valor ás palavras que o menino Franco referiu logo depois da sua volta ás funções vitais, o provável encontro com uma Entidade Celeste poderia nos esclarecer muitos aspectos do seu episódio humano, inclusive, ainda adolescente, iniciou a fazer previsões de acontecimentos que depois aconteciam com surpreendente pontualidade. Não só, tinha premonições sobre pessoas e também sobre si mesmo extremamente precisas, tanto que deixava os seus familiares no total desconcerto.

Ele pôde, com extrema precisão e com tantos anos de antecipação, prever a sua mesma doença, o abandono da namorada e o encontro fundamental com uma pessoa especial, revelada, revela depois em Dom Angelo.

Tais insólitas capacidades que se distingue em muitas pessoas que viveram uma experiência de aproximação da morte, poderiam referir-se também a Franco, portanto, as suas dotes clarividentes poderiam serem determinadas, durante aquele NDE, através de um contato sobrenatural do qual, lentamente, seria emanada a sua capacidade de fazer previsões.

A stória de Franco é toda marcada por episódios insólitos e o seu quadro existencial apresenta aspectos indefinidos aos quais, o mesmo Franco, na juventude, sempre procurou de dar uma resposta.

Ninguém conseguiu ajudá-lo e, tanto menos, com ninguém conversava a não ser com a namorada que, no seu canto, não podia fazer outra coisa a não ser escutá-lo e calar-se, cultivando, no seu coração, um oculto temor.

Franco, além de ter previsto a sua doença, previu também o encontro com uma pessoa toda particular e, mesmo percebendo o calibre e a fundamental importância, não conhecia a identidade.

Mas eis que quando parecia que todas as portas se fechavam diante dele doente, semi-paralizado e quase cego aconteceu o encontro tanto esperado com Dom Angelo Fantoni e, daquele dia, para Franco teve início uma nova vida. Através daquela fresta aberta que sempre ficou no seu coração, deus quis dar, através do carismático excepcional, uma radical volta à sua existência.

Falar de Dom Angelo não é uma coisa simples mesmo porque sobre ele já se falou amplamente em um outro livro de Dom Redento Becci, portanto seria inútil e restritivo. Todavia este livro quer ser o testemunho de um homem que, tendo visto a morte na cara, é, lentamente, graças ao prodigioso fluído deste sacerdote, retornado à vida.

Dom Angelo devagarinho plasmou Franco em um homem novo, um homem sereno que hoje sabe dar um sentido profundo a todo o seu doloroso episódio.

Esta publicação é o testemunho de um maravilhoso relacionamento, aquele ocorrido entre Franco e Dom Angelo.

È a stória de uma amizade verdadeira, fundada sobre pilastre de uma fé inabalável e que transcende todo raciocínio. È o episódio Humano, tocante, muitas vezes comovente, que nos leva à soleira de um **73** mundo desconhecido mas real, uma dimensão da qual se pode alcançar ainda um estímulo inesperado ou uma providencial ajuda.

Para Franco e o seu Anjão o relacionamento não se concluiu com uma lápide colocada sobre um túmulo onde foram depositados os restos mortais do idoso padre de Verniana.

O diálogo deles continua, nunca parou, e das maravilhas daquele mundo invisível no qual hoje Dom Angelo se encontra comunica, aconselha e repreende Franco através de vias indefinidas da ciência mas que, além de qualquer compreensão, existem.

E através destas vias misteriosas, mesmo que em um modo tudo diferente daquele humano clássico, entre os dois permanece um relacionamento intenso e consolante, aliás, não tendo mais a barreira da forte distância a dividi-los, o diálogo deles se fez quase de imediato.

Franco, através daquilo que a parapsicologia de fronteira define “locução interior”, diálogo ainda com Dom Angelo e destas conversações silenciosas nasceu nele um estímulo de amor verso o próximo que depois se traduz em uma ajuda concreta para com as pessoas que sofrem.

E foi deste estímulo que nasceu este livro que não quer ser somente um ato de gratidão para com Dom Fantoni, humilde padre de Verniana, mas também uma semente jogada que pode brotar e iluminar a mente e o coração de alguém que si sente perdido.

Se esta tentativa servir para ajudar mesmo que somente uma pessoa, tais publicações não teriam sido em vão.

Foi o mesmo Dom Angelo do Além que sugeriu a Franco de publicar este livro e dar como um Dom àqueles que estivessem interessados.

Um presente que venha de uma Igreja, sim. Mas não daquela terrena, mas ao contrário, como está escrito no início, daquela do céu e dedicado a todos os seres humanos que do céu esperam alguma coisa.

Parece mesmo que, do Além, Dom Angelo procurava de qualquer modo de fazer-nos falar de si, não certamente para se fazer venerar visto que são bem notadas as suas características de humildade e descrição que terá certamente conservadas também no paraíso, mas como agora, já despejado do corpo terreno, deseja conceder aquele pouco de publicidade que nos é necessário para refletir sobre a existência de Deus e sobre um mundo invisível do qual possa alcançar uma ajuda, mesmo que através de pessoas dotadas de particulares carismas.

Quem conheceu aqui na terra Dom Angelo, bem conhecia a sua atitude severa para com todas as práticas espíritas, mas no caso de Franco é tudo muito diferente. A comunicação existe, mas, mesmo que desejada, nunca foi procurada por franco e nasceu espontaneamente sem alguma evocação bem condenada pela Igreja oficial.

Nos exortava Dom Angelo: *“Coragem filhinhos, a morte não é morte mas passagem para uma vida melhor, isto é, contemplação do Deus vivo”*.

Nestas Palavras se fecha todo o mistério da vida e das obras deste humilde pároco de uma pequena cidadezinha começado já nesta terra trazia aquele maravilhoso fluído, muitas vezes milagroso, que se doava com generosidade para com os necessitados.

E Franco, graças áquele fluído benéfico de Dom Angelo, madurou em si uma profunda sabedoria, tanto que hoje uma frase que muitas vezes repete com convicção é: “o mais bonito presente que Deus me deu foi aquele de me fazer conhecer a morte”.

75

Quem poderia pronunciar esta frase se não aquele que atravessou o vale do mais total desespero? Um desespero, porém, no qual Franco deixou aberto uma fresta, a qual a luz de Deus iluminou a sua alma e infundiu nova esperança. Hoje é um homem novo e toda a sua história é um hino á vida, á confiança, um convite para abandonar-se entre os braços de um Deus Pai salvífico e misericordioso, não certo um Deus severo e castigador como alguns nos descrevem.

Do encontro fundamental para a sua existência, Franco Soube, não só compreender a motivação da sua grave enfermidade, mas trazer um notável crescimento espiritual que hoje lhe consente de viver uma vida marcada por uma Verdade Trascendente que o envolve, o conforta, mas sobre tudo, o ama.

O desejo de Franco, hoje, é que este livro possa iluminar e ajudar alguma mente necessitada de luz e quem, como foi ele muitos anos atrás, se sente afundado no mais total desespero.

È um convite a deixar-se banhar pela luz Trascendente onde um Deus de Amor distribui mistérios de infinitas belezas.

Uma luz que ilumina verdadeiramente, até a última célula, e nos faz compreender o sentido de coisas aparentemente inúteis e cruéis.

“Nunca desesperar”, nos diz Franco com um leve sorriso que transparece do rosto sereno, “mas sempre se diga: seja feita a tua vontade”.

Elisabetta Piccini.

